

Novidades no ofício do cartógrafo:

Central da Periferia e o mapa televisionado da pobreza global

*Icaro Ferraz Vidal Junior**
*Maurício de Bragança***

Depois de um ano “fazendo o mapa” da periferia do Brasil, a carismática Regina Casé transpôs as fronteiras do Estado brasileiro e saiu mundo afora, respaldada pela Rede Globo de Televisão, na missão de “cartografar” outras periferias. Essa nova fase do quadro *Central da Periferia*, que contou com o subtítulo *Minha Periferia é o Mundo*, parte da seguinte suspeita: “Será que é só aqui que o pessoal anda de van? Que todo mundo repete tanto o ano que acaba desistindo da escola? Será que é só aqui que mesmo em um lugar miserável tem gente cantando... dançando? Será que é só aqui que ninguém sabe onde enfiar o lixo?”¹.

Com estas e muitas outras questões em mente, a apresentadora do quadro veiculado aos domingos pelo *Fantástico* desenhou um roteiro de viagem (e de programa) a fim de cartografar diversas periferias do planeta, com o intuito de promover um diálogo entre elas. Neste percurso encontramos semelhanças com estratégias “desbravadoras” que permanecem como horizonte na conquista de outros povos há muitos séculos.

Se o ofício do cartógrafo foi financiado, dentro do projeto das grandes navegações dos séculos XV e XVI, pelas grandes nações colonialistas e, no interior dos projetos imperialistas que atravessaram o século XIX esteve amparado pelos Estados europeus que disputavam domínios na Ásia e na África, em tempos de globalização e neoliberalismo a encomenda de mapas desloca-se para o mundo de empresas privadas e de grandes corporações.

O mapa, de acordo com o antropólogo Francis Affergan, consiste em um instrumento privilegiado da geografia, é o simulacro do distante e mantém com o exotismo uma relação paradigmática. É a um só tempo o modelo e a aproximação intocável. Permite

* Graduando em Estudos de Mídia na Universidade Federal Fluminense.

** Doutor em Letras pela Universidade Federal Fluminense. Atualmente realiza estágio pós-doutoral na mesma instituição, com financiamento da FAPERJ.

¹ *Central da Periferia: Minha Periferia é o Mundo*, programa exibido em 09 de setembro de 2007. Disponível em: <http://video.globo.com/Videos/Player/Noticias/0,,GIM728681-7823-CENTRAL+DA+PERIFERIA+MINHA+PERIFERIA+E+O+MUNDO,00.html>, último acesso: 08/03/2008.

ver, mas não permite apropriar-se. Para apropriar-se é preciso partir. Por esta razão pode-se traçar uma estranha aporia: sem mapa não há descobrimento, mas sem descobrimento não há mapa. O mapa tem uma dupla função: é imagem e representação do mundo, é instrumento de descobrimento e conquista (AFFERGAN, 1987 apud AINSA, 1998).

Essa dupla função permanece nos mapas contemporâneos, mas os limites de uma e de outra se tornam cada vez mais tênues. Descobrimento e conquista, por exemplo, são inseparáveis enquanto processos distintos no mapa televisivo empreendido em *Central da Periferia*. O registro da descoberta já configura uma conquista, na medida em que a *realidade outra* se converte no produto da *exploração*, imediatamente inserido numa rede de circulação de mercadorias.

Mas as noções de conquista, descobrimento e imperialismo não encerram sua potência como instrumento de análise do programa de Regina Casé apenas na discussão sobre a permanência da atividade cartográfica. Fernando Ainsa (1998) esquematizou o processo de conformação da alteridade americana em três momentos: 1) o processo comparativo e de medição do outro; 2) o processo de classificação da “outridade” e 3) o duplo e simultâneo processo de conversão e uniformização, por um lado, e de divisão, pelo outro.

O ensaio de Ainsa versa sobre o discurso fundador da alteridade americana, que se articula desde os primeiros textos sobre o *Novo Mundo*. No entanto, de forma muito semelhante ao clássico *Orientalismo*, de Edward Said, traz proposições que ultrapassam a realidade empírica abordada e têm a potência de servir ao estudo das alteridades de modo mais amplo, inclusive ao estudo de novos *outros*, já não tão distantes e configurados para atender às novas demandas implicadas nos constantes re-arranjos do poder.

Assim, partiremos do esquema acima reproduzido para analisar alguns episódios de *Central da Periferia*, tendo em vista a potência do gesto de assinalar continuidades e rupturas nestes percursos de diálogos, onde as relações com o *outro* pressupõem hierarquias. O primeiro dos processos descritos por Ainsa, dentre esses que são interdependentes e superpostos, é o processo de comparação e medição.

Assim como nas descrições iniciais do *Novo Mundo*, as periferias percorridas por Regina Casé são apresentadas através de comparações. A apresentadora compara o mundo “recém-descoberto” com referências adquiridas em sua expedição anterior (pelas periferias

do Brasil) atravessadas pelas referências de sua própria classe social. A comparação com outras periferias, sobretudo com a brasileira, tem lugar na própria estrutura de alguns episódios, que apresentam um mapa-múndi com rotas que conectam os diversos locais percorridos e, muitas vezes, partem do Brasil. O episódio passado em Chanteloup Les-Vignes², periferia de Paris, nos mostra a potência ambígua de uma definição do outro que se dá pela comparação. Imagens da Paris “oficial”, a Torre Eiffel, a Catedral de Notre-Dame, o Arco do Triunfo, o Teatro de L’Opéra, o Teatro da Comédie-Française abrem o programa junto com a seguinte fala de Regina Casé: “Só com essa *petite promenade*, essa voltinha por Paris já deu para perceber que o povo francês é muito ligado na cultura e o governo daqui gasta uma grana com a cultural ‘oficial’. Mas tem uma Paris onde essa cultura oficial não chega, uma Paris que muita gente não conhece. Eu mesma nunca tinha ido lá”. Desde o início, este episódio se constitui como uma quase exceção por estabelecer níveis de comparação que problematizam as delimitações dos conceitos de centro e periferia.

Para explicar as periferias que percorre, inclusive Chanteloup Les-Vignes, Regina Casé parece carecer – como Colombo e outros cronistas das Índias – de um vocabulário que dê conta da surpresa diante das “outridades” encontradas. Daí, a comparação com as periferias brasileiras serem tão recorrentes. O que levou Regina Casé a Chanteloup Les-Vignes foi o filme *O ódio*, de Mathieu Kassovitz, que segundo a apresentadora remete imediatamente à Cidade de Deus. “Te lembrou alguma coisa, né? Cidade de Deus! Esse outro conjunto habitacional que também gerou um filme que, aliás, muitas vezes me serviu de passaporte”. Assim, a comparação com a periferia brasileira adquire no processo de descoberta-conquista empreendido em *Central da Periferia* uma dupla função, serve tanto na descrição para o espectador que se quer engajado, mas também – e sobretudo! – na negociação de aproximação com os entrevistados que - da mesma forma que os nossos índios de outrora se reconheciam nos espelhos trazidos por europeus - se reconhecem agora nas periferias, cartografadas pela Globo, apresentadas em i-pods e celulares. Em Clichy-

² *Central da Periferia: Paris também tem periferia*, programa exibido em 14 de outubro de 2007. Disponível em: <http://video.globo.com/Videos/Player/Noticias/0,,GIM742826-7823-CENTRAL+DA+PERIFERIA+PARIS+TAMBEM+TEM+PERIFERIA,00.html>, último acesso: 09/03/2008.

Sous-Bois³, subúrbio francês que abrigou os conflitos que ocuparam a imprensa internacional em 2005, a entrada da equipe do programa foi vetada pelos próprios moradores da comunidade, que desde aqueles acontecimentos haviam proibido a entrada de jornalistas na região. Regina Casé lança mão, como forma de barganha, visando a liberação da entrada de sua equipe, de um episódio de seu programa sobre a Cidade de Deus. Ali, na minúscula tela de um i-pod, o registro daquelas imagens mobilizou os moradores que cercavam o carro a ponto de autorizarem a saída da apresentadora do veículo para que pudessem concluir o ritual de reconhecimento. Era o passaporte necessário para que fosse dada a permissão para a sua presença e trabalho no local.

Tudo o que é “visto” por Regina Casé é, portanto, medido e comparado em relação com o já conhecido. Mas se Colombo e os receptores de suas mensagens elaboraram a diversidade a partir de escalas do conhecido para fazer a nova realidade inteligível, com o propósito de convencer os leitores aos quais se dirigiam e assegurar a conquista ulterior, as descrições pela comparação em *Central da Periferia* adquirem novas conotações. Não se trata mais de assegurar a conquista futura, mas de evidenciar, através da empatia mobilizada nos gestos de reconhecimento interperiferias, o sucesso de projetos de globalização, cujas ressonâncias se apresentam, dentro da abordagem culturalista do quadro, de modo autônomo, exclusivamente no âmbito cultural.

O segundo movimento apontado por Ainsa, a classificação da “outridade”, se dá tencionado pela inexistência de um vocabulário que dê conta da diferença experimentada nos *Novos Mundos*. Se por um lado há no gesto de *Central da Periferia* uma tentativa de deslocamento dos parâmetros tradicionais de nomeação destas mesmas periferias (as estratégias do programa desautorizam a referência rigorosa de uma matriz central, indicando promover uma espécie de solidariedade entre as margens), por outro este mecanismo se apresenta também problemático por evidenciar um certo apagamento das dinâmicas de poder que ainda incluem estes centros como potentes articuladores de hegemonia, capazes de definir a posição de cada um numa escala mais globalizada. Esvaziando-se a relação centro/periferia, resta a pergunta: periferia a que? A tentativa de

³ *Central da Periferia: na zona de conflito da França*, programa exibido em 28 de outubro de 2007. Disponível em: <http://video.globo.com/Videos/Player/Noticias/0,,GIM748012-7823-CENTRAL+DA+PERIFERIA+NA+ZONA+DE+CONFLITO+DA+FRANCA,00.html>, último acesso: 10/03/2008.

nomeação torna-se, desta forma, uma pálida e ingênua estratégia de reconhecimento celebratório.

No episódio sobre “os mercados mais exóticos do mundo”⁴, que seguramente Colombo e seus companheiros de viagem nomeariam como “os maravilhosos mercados do mundo”, o apoderamento semântico se projeta na tentativa de tradução daquilo cuja dinâmica não foi apreendida sem a referência da matriz. Diante do mercado *Roque Santeiro*, um imenso espaço público a céu aberto em Luanda, o conjunto de atividades comerciais ali observadas eram traduzidas pela referência asséptica do shopping center, desterritorializando e esvaziando histórica e simbolicamente a experiência daquele mercado. A referência ao shopping center opera, assim, um modo de dominação pela palavra e reforça a superioridade do já conhecido sobre o novo.

Na terceira estratégia de Conquista da América apontada por Ainsa está o duplo e simultâneo processo de conversão e uniformização por um lado, e de diversificação pelo outro. O empenho em nomear a periferia de uma forma horizontal acaba por diluir os diversos projetos de alteridade, produzindo uma unidade redutora que se opõe à complexidade do centro. Essa simplificação redutora guia os passos simultâneos de uma empresa dividida entre a necessidade de exaltar a pluralidade do “diferente” para fazê-la atrativa aos olhos dos receptores da mensagem no centro e a de apresentar a unidade do recém descoberto para convencer a estes mesmos destinatários da facilidade da empresa de colonização que se propõe (AINSA, op.cit.). O filme *Cidade de Deus*, usado por Regina Casé como passaporte de entrada nas diversas margens mapeadas pelo programa, é emblemático tanto dessa discussão acerca da representação redutora e unificada da periferia quanto da eficácia deste projeto de embaçamento das diferenças, complexidades e contradições. Isso foi amplamente atestado através da enorme polêmica suscitada pelo lançamento do filme, assim como pela sua exitosa projeção internacional.

Reunindo os elementos que nos permitiram analisar a cartografia buscada pelos episódios de *Central da Periferia*, percebemos que o processo de reconhecimento destas margens se apresenta de modo muito mais problemático do que a simples louvação de um

⁴ *Central da Periferia: os mercados mais exóticos do mundo*, programa exibido em 16 de setembro de 2007. Disponível em: <http://video.globo.com/Videos/Player/Noticias/0,,GIM731663-7823-CENTRAL+DA+PERIFERIA+OS+MERCADOS+MAIS+EXOTICOS+DO+MUNDO,00.html>, último acesso: 10/03/2008.

multiculturalismo globalizado nas franjas do poder deixa ver. Se, por um lado, o programa de Regina Casé se propõe a ser uma *Central da Periferia*, conectando as várias periferias do mundo, por outro, não há como descartar os mecanismos de produção e exibição que atravessam o quadro e a outra acepção possível de que o título *Central da Periferia* se reveste: a Central que pauta modos hegemônicos de ser e subjetivar-se, a partir dos quais a periferia negocia. Parece impossível não encerrar nossa exposição, enfatizando esta segunda acepção, manifesta também no refrão do samba institucional da TV Globo, amplamente veiculado nestes primeiros meses de 2008: “a vida imitando a arte, isso é globalização”.

Referência Bibliográfica:

AINSA, Fernando. *De la Edad de Oro a El Dorado: Génesis del discurso utópico americano*. México: Fondo de Cultura Económica, 1998.